

## Uma tradução ao *Hino Homérico XXVIII*

### *A Translation of Homeric Hymn XXVIII*

Hamilton Sérgio Nery de Medeiros

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba / Brasil  
hamilton.medeiros@academico.ufpb.br  
<https://orcid.org/0000-0001-9216-5352>

Robson Lucena Carneiro

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba / Brasil  
robsonlucena.ufpb@gmail.com  
<https://orcid.org/0009-0007-0608-4961>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar uma possível tradução do Hino Homérico XXVIII, dedicado à deusa grega Palas Atena. O método utilizado foi o de versos livres, buscando uma aproximação de significado dos termos da língua de partida (grego antigo) com os seus correspondentes na língua de chegada (português brasileiro) e, conforme a necessidade, adaptações a fim de se preservar a essência da composição. Como resultado, este trabalho apresenta a tradução integral do hino, para que estudantes de Línguas e Literaturas Clássicas, bem como outros interessados na área dos Estudos Clássicos, tenham acesso a mais uma possibilidade de tradução da composição dedicada à deusa Palas Atena.

**Palavras-chave:** tradução; Hino homérico XXVIII; Palas Atena.

**Abstract:** This work aims to present a possible translation of Homeric Hymn XXVIII, dedicated to the Greek goddess Pallas Athena. The method used was free verse, seeking to approximate the meaning of the terms in the source language (Ancient Greek) with their correspondents in the target language (Brazilian Portuguese) and, as necessary, adaptations were made in order to preserve the essence of the composition. As a result, this work presents the entire translation of the hymn, so that students of Classical Languages and Literatures, as well as others interested in Classical Studies, have access to another possible translation of the composition dedicated to the goddess Pallas Athena.

**Keywords:** translation; Homeric Hymn XXVIII; Palas Athena.

## 1 Os Hinos Homéricos

Os Ὅμηρικοὶ Ὅμνοι (*Hinos Homéricos*) são um compilado de 33 textos de autoria desconhecida, atribuídos ao famoso poeta grego do período arcaico, Homero, por conta do estilo e, consequentemente, da estrutura em que os hinos se configuraram. Alguns destes hinos possuem certa extensão, e são endereçados aos seres divinos da mitologia grega, como os deuses Afrodite, Apolo, Ares, Ártemis, dentre outros. Como uma forma de se celebrar estas divindades e seres inspiradores dos poetas – as Musas –, os hinos, juntamente com outras obras, como as famosas *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, foram cantados pelos antigos rapsodos durante festividades cívico-religiosas e em concursos que ocorriam na Grécia Antiga.

Cronologicamente, os hinos não datam de uma mesma época, a saber, o de Deméter foi escrito no final do século VII a. C., enquanto o de Hermes foi composto no início do século VI a. C., o que afasta completamente a teoria de uma possível atribuição a Homero, mas a autores diversos de épocas distintas.

As edições mais antigas publicadas desses hinos homéricos são as de 1488, do ateniense Demetrius Chalcondyles, e a de 1504, da Aldina. Das publicações dos hinos em língua portuguesa, temos a versão de 2010, de Júlio Cesar Rocha, e a de 2011, que compreende o hino I e do VI ao XXXIII, de Luiz Alberto Machado Cabral, publicada pela Editora Odysseus. Os hinos são de grande valia aos estudiosos de Línguas e Literaturas Clássicas, devido aos ricos detalhes morfológicos, sintáticos e até mesmo culturais dos povos da antiga civilização grega.

Através de leituras de textos desse porte, seguida de notas explicativas e comentários, torna-se mais fácil a compreensão de questões culturais dos antigos gregos, *e.g.*, como se dava a relação de tais povos com a terra, com a religião, como eles desempenhavam seus papéis nas artes, na política, bem como o percurso percorrido por eles durante suas vidas, tendo em vista a gama de informações escondidas nas entrelinhas dos versos dessas composições.

## 2 O mito dos deuses e o mito de Palas Atena

Os mitos fazem parte da vida do homem desde os tempos mais remotos. De acordo com Detienne (1992), não há um povo cuja história não tenha começado pelos mitos. Os assuntos tratados por essas narrativas são vastos, e envolvem questões por trás das origens do mundo<sup>1</sup> e do próprio homem à esfera do além-mundo.<sup>2</sup> Forças primordiais, como fogo, ar, terra, que eram vistos como seres divinos pelos povos antigos, e deuses do lar, das cidades, receberam nomes, cultos, além de uma série de rituais sagrados que foram propagados pelas gerações, e que sobreviveram aos dias atuais por meio dos escritos dos poetas, das representações artísticas, e de objetos diversos que nos levam a revisitar esse passado que ainda se faz tão presente em nossas vidas.

Os mitos também passaram a preencher o campo da representação, sendo utilizados por autores em peças teatrais, epopeias, bem como a serem representados em pinturas e ilustrações feitas pelos artistas. Poetas, *a priori*, escreveram inúmeras obras acerca do nascimento dos deuses, suas uniões, disputas e campos de atuação, como Homero, com seus deuses tão partícipes nas guerras, traçando o destino dos homens; como Hesíodo, com seus deuses, seguindo uma hierarquia divina, colocados em sua poesia como atuantes do Cosmos, e, até mesmo com o filósofo Platão, com a sua *demiurgia*,<sup>3</sup> cuja finalidade se encontra na criação e ordenação do universo e dos seres que nele habitam.

Os deuses gregos distinguiam-se entre seres masculinos e femininos, que se uniam a outros deuses em casamento.<sup>4</sup> Tinham por justiça a Θέμις (*Thémis*) e, por conseguinte, a hierarquia, sob a qual um não podia interferir nas ações do outro, tampouco voltar atrás em suas

<sup>1</sup> Cf. Ovídio, *Metamorfoses*.

<sup>2</sup> Cf. Brandão, *Ao Kurnugu: terra sem retorno*.

<sup>3</sup> Cf. Platão, *Timeu*.

<sup>4</sup> Na *Teogonia*, Hesíodo revela alguns dos casamentos de Zeus. Da união com Mêtis, nasceu Atena (v. 886); com Thémis, nasceram as Horas: Eunômia, Dike e Irene, e as moiras: Cloto, Láquesis e Átropos (v. 901); da união com Eurínome foram geradas as Cárites: Aglaia, Eufrosine e Tália (v. 907); com Deméter, teve Perséfone (v. 912); do casamento com Mnemosine, Zeus teve 9 filhas, as Musas (v. 915); com Leto, Zeus teve por filhos Apolo e Ártemis (v. 918) e, de Hera, nasceram Hebe, Ares e Ilízia (v. 921).

próprias decisões. Uma vez dada a palavra, não se podia recuar. Atuantes nas águas, nos céus e na terra, esses seres foram difundidos por outras culturas, como na latina, em que Zeus, deus do panteão grego, passou a ser assimilado a Júpiter, Afrodite à deusa Vênus, Hera, à deusa Juno etc. Os ocupantes do céu receberam o nome de olimpianos, ou urânicos, dentre os quais se destacam Zeus, considerado como o pai dos deuses por manter a ordem cósmica, e Hera, sua irmã e esposa, conhecida como a rainha dos deuses. Como atuante na terra, havia Deméter, responsável pelo equilíbrio das estações do ano, indicando o tempo certo para o plantio e colheita dos grãos, assim como Ártemis, ligada à caça, aos bosques. Para o mar, havia deuses atuando em toda a extensão aquática, como Oceano e Tétis. Para a guerra, havia Marte e Palas Atena.

Como indicado anteriormente, Zeus uniu-se a outras divindades, das quais teve inúmeros filhos. Dentre essas relações extraconjugaís, cabe destacar a de Zeus com Mêtis, divindade pertencente à primeira geração dos deuses, filha de Oceano e Tétis, a Titã. Mêtis é a personificação da inteligência/astúcia, na mitologia grega. Porém, essa união não durou muito tempo, pois, de acordo com uma revelação de Gaia, de que Zeus teria um filho que o destronaria, o grande pai dos deuses do Olimpo decidiu engolir Mêtis, assimilando toda a astúcia divina. Mêtis, por sua vez, foi engolida grávida. Certo dia, segundo o que revela a mitologia, Zeus começou a sentir fortes dores de cabeça, e convocou o deus Hefesto para dar uma machadada no local da dor. Assim o fez Hefesto, e para o espanto de todos, da cabeça divina de Zeus nasceu Palas Atena, deusa da sabedoria. A deusa saiu da cabeça de Zeus coberta com armas de guerra, agitando seu dardo pontiagudo em direção ao lago Tritão, lugar onde a tradição confere à deusa como seu local de nascimento, o que justificaria o epíteto de Tritogênea, como uma referência ao lago Tritão, na Líbia.

Palas Atena participou de luta contra os Gigantes, matando Palas e Encélado. Na *Iliada*, combateu ao lado dos aqueus. Exercendo seu papel de daimone, auxiliou Héracles em seus trabalhos, e, na *Odisseia*, ajudou no retorno de Odisseus à Ítaca. A deusa herdou a sabedoria e a astúcia da mãe, sendo boa observadora no campo de batalha, escolhendo o momento certo para atacar seus adversários a fim de obter a vitória. Daí, recebe o importante epíteto de *Olhos de Coruja*, por conta de sua sabedoria e

visão ímpares. A deusa assumiu o papel de mentora de Telêmaco, na *Odisseia*, contribuindo para que o jovem se tornasse sábio, para enfrentar os pretendentes ao trono de Ítaca na ausência de seu pai, Odisseus. Na *Eneida*, de Virgílio, Palas Atena surge no v. 704, livro V, instruindo Nautes, com o objetivo de aconselhar Eneias a seguir rumo ao Lácio.

Na cidade de Atenas, a deusa era tida como patrona, sendo associada às artes, filosofia, à música, além de protetora de fandeiras, bordadeiras etc. À deusa foram erigidos templos, como o que havia em Mégara, Argos, Creta, além do localizado em Atenas. Em Troia era cultuada, tendo por símbolo o Paládio, que representava a proteção da cidade, o que despertou o desejo em Odisseus e Diomédés de roubar a estátua, tornando, assim, a cidade vulnerável aos ataques. Era considerada símbolo da virgindade, apesar de que algumas versões míticas atribuem a ela um filho, fruto de Hefesto, que por ter sido abandonado por Afrodite, perseguiu Palas Atena e, tendo ejaculado em sua perna, dela fez brotar um filho de nome Erictônio.

Palas Atena tem por símbolos principais a coruja, a oliveira, a lança e a égide, sobre a qual havia cravado a cabeça de Medusa, presente de Perseus à deusa, depois deste ter derrotado a Górgona. Na cultura latina, Palas Atena foi assimilada à deusa belicosa Minerva, que possui os mesmos traços de sabedoria e inteligência de sua correspondente grega. Minerva foi inserida na tríade Capitolina ao lado de Júpiter e Juno, correspondentes gregos de Zeus e Hera.

### 3 O Hino Homérico XXVIII

O hino homérico XXVIII narra o nascimento da divindade Palas Atena, no qual o autor (ou autora) elenca momentos importantes como o local de nascimento – através da cabeça de seu pai Zeus na região próxima ao lago Tritão –, e dos elementos água e terra, e do próprio sol descrito na obra como filho de Ὑπερίων (*Hypérion*) participando desse acontecimento de grande importância para o mundo dos imortais e dos homens.

A composição engrandece a divindade, atribuindo-lhe qualidades por meio dos epítetos que surgem nos versos, o que também nos revela o grande papel que Palas Atena possui perante os dois mundos, seja na guerra dos homens ou dos deuses. Por último, o autor desenvolve suas

considerações finais acerca da satisfação da deusa por ter nascido, bem como por receber do autor um hino feito em sua homenagem.

Para a tradução, foi utilizado o texto grego estabelecido por J. Humbert, disponibilizado na edição *Hymnes Hómeriques* (1936), publicada pela Les Belles Lettres. Como método tradutório, adotou-se a modalidade de versos livres, com a aproximação de sentido dos termos na língua de partida (grego antigo) aos termos na língua de chegada (português brasileiro). Conforme a necessidade, foram feitas adaptações a fim de se preservar a essência da composição.

## Texto original

Eις Ἀθηνᾶν

Παλλάδ' Ἀθηναίην κυδρὴν θεόν ἄρχομ' ἀείδειν  
γλαυκῶπιν πολύμητιν ἀμείλιχον ἦτορ ἔχουσαν  
παρθένον αἰδοίην ἐρυσίπτολιν ἀλκήεσσαν  
Τριτογενῆ, τὴν αὐτὸς ἐγείνατο μητίετα Ζεὺς  
σεμνῆς ἐκ κεφαλῆς, πολεμήια τεύχε' ἔχουσαν 5  
χρύσεα παμφανόντα: σέβας δ' ἔχε πάντας ὄρῶντας  
ἀθανάτους: ἡ δὲ πρόσθεν Διὸς αἰγιόχοιο  
ἐσσυμένως ὥρουσεν ἀπ' ἀθανάτοιο καρήνου  
σείσασ' ὀξὺν ἄκοντα: μέγας δ' ἐλελίζετ' Ὄλυμπος  
δεινὸν ὑπὸ βρύμης γλαυκώπιδος, ἀμφὶ δὲ γαῖα 10  
σμερδαλέον ἰάχησεν, ἐκινήθη δ' ἄρα πόντος  
κύμασι πορφυρέοισι κυκώμενος, ἔσχετο δ' ἄλμη  
ἐξαπίνης: στῆσεν δ' Ὑπεριόνος ἀγλαὸς υἱὸς  
ἴππους ὠκύποδας δηρὸν χρόνον εἰσότε κούρη  
εἴλετ' ἀπ' ἀθανάτων ὅμων θεοείκελα τεύχη 15  
Παλλὰς Ἀθηναίη: γήθησε δὲ μητίετα Ζεύς.  
καὶ σὺ μὲν οὔτω χαῖρε, Διὸς τέκος αἰγιόχοιο:  
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ' ἀοιδῆς.

## Tradução

A Atena

Eu começo a cantar Palas Atena, deusa gloriosa,  
muito prudente, de olhos de coruja, que tem um coração  
[privado de doçura.

Virgem venerável, forte protetora de cidade;  
Tritogênea, a qual o próprio Zeus Metíeta, originou  
a partir da divina cabeça, e que tem armas bélicas  
[resplandecentes, de ouro.

E uma mescla de temor com veneração  
dominava todos os imortais que a viam. Ela, diante de Zeus  
[portador da égide,  
lançou-se com veemência para fora da cabeça imortal,  
agitando um pontiagudo dardo. O grande Olimpo  
era sacudido violentamente sob a força de Olhos de Coruja  
[e, ao redor, a terra

com um barulho terrível ressoava. E foi movido então o mar,  
sendo agitado por ondas purpúreas, e deteve-se a água salgada  
subitamente. O filho de Hypérion, brilhante,  
manteve os cavalos velozes durante muito tempo, até que a

[jovem virgem

tomou dos ombros imortais as divinas armas,  
Palas Atena. E se regozijou o Zeus Metíeta.

Salve, também tu, assim, filha de Zeus portador da égide.  
Por outro lado, eu também de ti e de outro canto me recordarei.

## 4 Informações complementares à tradução

### Verso 2

Dentre os vários epítetos de Palas Atena elencados pelo(a) autor(a) no início do texto, percebe-se que alguns são formados a partir de aglutinações. Um exemplo é o de *γλαυκῶπιν* (*glaukópin*). A palavra é constituída de dois vocábulos: ὄψ (*óps*), que significa *vista, visão*, e *γλαυκός* (*glaukós*), que pode se referir ao adjetivo, concernente a algo *claro, brilhante*, ou então *glauco* (de cor verde-azulado ou azul-esverdeado, referente à cor

do mar), como também pode se referir ao substantivo *coruja*, na forma de caso genitivo, que em português corresponde ao adjunto adnominal. Daí, justifica-se a escolha da tradução *olhos de coruja*. Além do mais, em sua narrativa mitológica, a deusa é constantemente acompanhada por este animal, símbolo da atenção muito aguçada do olhar.

O epíteto *γλαυκῶπιν* (*glaukópin*), *de olhos de coruja*, é corroborado por outro, o *πολύμητιν* (*polýmetin*), que foi traduzido por *muito prudente*. O vocábulo, também formado por aglutinação, é composto pela junção de *πολύ* (*polý*), *muito*, e de *μῆτις* (*métis*), *astúcia, prudência* – que se refere inclusive ao nome da divindade *Μῆτις* (*Métis*). Ainda no verso dois, há *ἀμείλιχον ἥτορ ἔχουσαν* (*amélikhon étor ékhousan*), que foi traduzido por *que tem um coração privado de docura*. A noção da falta de docura é representada em *ἀμείλιχον*, por causa do *α* (*alpha*) inicial, que denota privação. A deusa é assim figurada em virtude de sua íntima relação com a guerra e com as armas, e por ser intocada pelo amor.

### Verso 3

O epíteto *protetora de cidades* diz respeito ao termo *ἐρυσίπτολιν* (*erysíptolin*). O vocábulo é formado do verbo *ἐρύω* (*erýo*), *proteger, salvar*, e de *πτόλις* (*ptólis*), forma poética de *πόλις* (*pólis*), *cidade*. A cidade de Atenas recebeu este nome, inclusive, por causa da deusa. Certa vez, Posídon e Palas estavam em uma disputa para decidirem quem teria a soberania da Ática. O deus marinho fez brotar um lago de águas salgadas no cimo da Acrópole. Atena, por sua vez, fez crescer uma oliveira. Os deuses olímpicos julgaram conceder vitória a ela, e por seu feito, lhe é atribuída a invenção da fabricação de azeite e da introdução da oliveira na região.

### Verso 4

O epíteto de Tritogênea vem de *Τριτογενῆ* (*Tritoguené*). O vocábulo grego é formado de *Τρίτων* (*Trítōn*), nome geográfico do local próximo ao lago Tritão, e de *γένος* (*guénos*), *nascimento, origem*. A deusa recebe esse epíteto em virtude de seu local de nascimento, próximo ao lago Tritão.

Semelhantemente ocorre com as demais divindades, como, por exemplo, Afrodite é chamada de Ciprogênea, porque nasceu na cidade de Chipre.

### Verso 5

O epíteto de μητίετα (*metíeta*) é atribuído a Zeus justamente por conta da raiz de onde vem essa palavra grega: de μῆτις, a *astúcia*. Metíeta, assim, significa *sábio, astucioso*. A origem do epíteto se dá no episódio em que Zeus desposa Métis e logo após a engole, tendo tomado os conselhos de Urano e Gaia, para que a nenhum dos outros deuses fosse dada a soberania.

### Verso 7

Σέβας (*sébas*) é o termo grego referente à *mescla de temor e veneração*. Este termo era muito importante para os gregos, pois representava a noção do que hoje chamamos de *piedade* em relação aos deuses e às demais questões religiosas. O hino revela que os deuses imortais foram dominados pelo σέβας, ao virem Palas Atena logo após seu nascimento.

### Verso 8

*Portador da égide* é outro epíteto de Zeus. O termo correspondente é αἰγιόχοιο (*aiguiókhoio*), formado pela aglutinação das palavras αἰγίς (*aiguís*), *égide*, e do verbo ἔχω (*ékho*), *ter, possuir*. Esta forma, com o sufixo –οιο, é uma das particularidades do dialeto homérico, pois o genitivo singular pertencente à segunda declinação do dialeto ático – falado em Atenas e tomado como o dialeto padrão –, terminaria em –ου; logo, αἰγιόχου (*aiguiókhu*). A égide era a arma portada por Zeus, quando da luta com os Titãs. Era revestida com a pele da cabra Amalteia, que amamentou o deus quando foi levado para Creta depois que nasceu, para não ser engolido por Crono.

### Verso 14

Hypérion é um dos Titãs, filho de Urano e Gaia. Unido em casamento com sua irmã, gerou Hélio (o Sol), Selene (a Lua) e Eos (a Aurora). O filho de Hypérion, portanto, é Hélio; em alguns momentos, porém, pai e filho são assimilados, recebendo o mesmo nome.

## Verso 15

Para a mitologia grega, os *cavalos velozes* citados no hino fazem menção aos animais que conduziam o carro do Sol. No mito de Faetonte (I, 746-779 e II, 1-339), presente nas *Metamorfoses* de Ovídio, poeta latino, o carro havia sido um presente de Vulcano (Hefesto), que tinha o eixo, o timão e o argolão de ouro revestidos de pedras preciosas. Ovídio ainda nomeia, nos versos 153 e 154 do livro II da obra supracitada, os quatro cavalos que faziam o trabalho de puxar o carro: Piroente (*Πυρόεις, de fogo, ardente*), Eoo (*Ἐως, luminoso, que traz claridade*), Éthon (*Αἴθων, brilhante, de fogo*) e Flégon (*Φλέγων, ardente*).

## Referências

- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Ao Kurnugu, terra sem retorno*: Descida de Ishtar ao mundo dos mortos. Tradução, introdução e estudo de Jacyntho Lins Brandão. Curitiba: Kotter Editorial, 2019.
- DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia*. Tradução de André Telles, Gilza Martins Saldanha da Gama. Brasília: Editora UNB, 1992.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa. Torrano. 2. ed. 6. reimpr. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- HUMBERT, J. *Hymnes Hómeriques*. Paris: Les Belles Lettres, 1936.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.
- PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Tradução, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Portugal: Editora ECH, 2011.